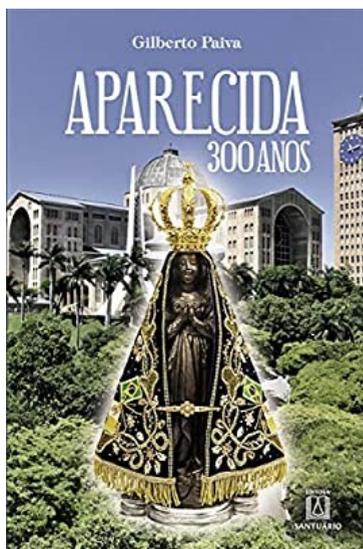


DOI: <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v13i38.54889>

PAIVA, Gilberto. Aparecida, 300 anos. Aparecida/SP: Editora Santuário, 2017.

Recebido em 21/07/2020 - Aprovado em 18/08/2020



Aparecida, 300 anos

Reginaldo de Abreu Araujo da Silva ¹

O Prof. Dr. Gilberto Paiva oferece-nos uma leitura histórica da devoção a Nossa Senhora Aparecida, devoção que é definida, na apresentação, pelo Padre José Inácio de Medeiros, superior dos padres redentoristas, como “um dos maiores fenômenos religiosos da história do Brasil”. (PAIVA, 2017, p. 11). A obra foi publicada em 2017, por ocasião das comemorações dos trezentos anos do encontro da imagem de Nossa Senhora Aparecida nas águas do Rio Paraíba do Sul. Trezentos anos em que se constata a fé religiosa no Brasil marcada pela presença mariana. Esta história da devoção mariana vem ao encontro desta chamada temática *História das romarias no mundo ibero-americano*.

No prefácio o Padre Luiz Cláudio Alves de Macedo, redentorista do Santuário de Aparecida, enfatizou a objetividade de historiador do Prof. Dr. Gilberto Paiva ao elaborar uma pesquisa cuidadosa sobre Aparecida e ressaltou Aparecida como “um dos

¹ Mestre e doutorando em Ciência da Religião pela PUC-SP, Bolsista CAPES. Especialista em Psicologia Analítica e Religião Oriental e Ocidental pelo ICHTHYS – Instituto de Psicologia e Religião. Email: frregi@hotmail.com.

maiores centros de peregrinação mariana do mundo”. (MACEDO In: PAIVA, 2017, p. 17).

A autoria do primeiro manuscrito a respeito do encontro da imagem de Nossa Senhora foi do vigário de Guaratinguetá, o Padre José Alves Vilela, com o primeiro registro em 1745. Passaram-se cinquenta anos desde o encontro da imagem até a constituição dos primeiros elementos da devoção, ou seja, dos “pescadores, seus familiares, a vizinhança...” passando pelos primeiros “milagres, os locais de culto em âmbito doméstico, o oratório e a capela no Morro dos Coqueiros”. (PAIVA, 2017, p. 23-24). O autor sinaliza para o contexto histórico da primeira metade do século XVIII no Brasil e para a institucionalização da devoção popular pela Igreja oficial, mostrando o progresso desta devoção. Paralelamente ao desenvolvimento da devoção religiosa, Paiva introduz ao tema do desenvolvimento sociopolítico e econômico da região de Aparecida. A pesquisa envereda pelos séculos XIX e XX e o início do século XXI. São utilizados documentos históricos para embasar a pesquisa, tais como o Arquivo da Cúria Metropolitana de Aparecida, o Livro da Capela, o Livro Tombo, Decretos e Bulas, o Arquivo Redentorista de São Paulo com suas cartas e crônicas que narram a trajetória histórica de Aparecida. Também serviram de fonte de pesquisa os trabalhos impressos como os escritos do Cônego João Corrêa Machado, do século XX o jornal *Santuário de Aparecida* e a revista dos missionários redentoristas *Almanaque de Nossa Senhora*, posteriormente intitulada *Ecos Marianos*, e a contribuição do Padre Júlio Brustoloni, que organizou a documentação histórica da congregação religiosa dos redentoristas em Aparecida. O objetivo da obra é explicitado ao afirmar que sua “pesquisa e descrição é uma abordagem histórico-pastoral em torno da Imagem e do Santuário de Nossa Senhora Aparecida”. (PAIVA, 2017, p. 29).

A pesquisa parte da situação da devoção mariana em Portugal e apresenta o fato histórico de que em 1646, “o rei Dom João IV proclamou Nossa Senhora da Conceição padroeira de Portugal e de suas possessões ultramarinas”. (PAIVA, 2017, p.32-33). A devoção a Nossa Senhora da Conceição era disseminada e chegava ao Brasil. Paiva afirma que “a devoção a Nossa Senhora da Conceição estava sendo difundida e ampliada e o objetivo era, a partir da religião católica, firmar a sua identidade como nação e como reinado”, e a colônia brasileira estava inserida nesse projeto. (PAIVA, 2017, p. 40).

O autor faz um levantamento histórico da arte religiosa referente à imagem de Nossa Senhora da Conceição produzida na região de São Paulo. A imagem encontrada pelos pescadores no Rio Paraíba do Sul faz parte do “conjunto de peças de barro produzidas no período colonial paulista”. (PAIVA, 2017, p. 48). Foram os peritos do Museu de Arte Moderna de São Paulo, em 1978, que afirmaram, após a restauração da

imagem que sofrera um atentado, que ela é da primeira metade do século XVII e de autoria de artista paulista, o que pode ser afirmado pela cor da imagem, pela quantidade de barro utilizado e pelo próprio estilo de artesanato. (PAIVA, 2017, P. 60).

O Rio Paraíba do Sul fora usado como passagem tanto pelos nativos das terras brasileiras antes da colonização quanto pelos colonizadores. Aí passou o novo governador da Capitania de São Paulo e Minas Gerais, o Conde de Assumar, em 1717, quando ia à região das minas para acalmar os ânimos dos conflitos entre paulistas e portugueses e garantir a exploração do ouro pela coroa portuguesa. Ficou na Vila Guaratinguetá por mais de quinze dias, o que dificulta precisar o dia exato em que a imagem de Nossa Senhora foi encontrada. A ordem para a pesca foi dada pelo Senado e pela Câmara Municipal da Vila Guaratinguetá, para obedecer ao preceito religioso do Arcebispado da Bahia de que não se comesse carne nas sextas-feiras e nos sábados. Os pescadores tinham que garantir a refeição para aqueles dois dias. Eram eles: João Alves, Domingos Garcia e Filipe Pedroso, “entre tantos outros que atenderam às determinações da Câmara, indo à pesca para banquetear o Conde de Assumar”. (PAIVA, 2017, p. 79).

A imagem encontrada adquiriu a cor escura depois de ter ficado submersa, não se sabe por quanto tempo. Produzida de terracota, originalmente era policromada, o rosto e as mãos tinham a tez branca, o manto era azul escuro e o forro era vermelho granada. Ou seja, as mesmas cores estabelecidas pelo rei Dom João IV em 1646 para Nossa Senhora da Conceição. Além de ter ficado submersa, a imagem escureceu devido à influência da fumaça de velas das casas dos que a conservaram, do oratório e da capelinha construída. Adquiriu um colorido castanho brilhante. O Padre Vilela fez o pedido ao bispo do Rio de Janeiro, diocese à qual pertencia a Paróquia de Guaratinguetá, em março de 1743 para a construção de uma igreja maior que a capelinha, pois era grande a participação do povo do local e de muitas pessoas que faziam romarias. O pedido foi aprovado em maio e já estava estabelecido o nome de Nossa Senhora da Conceição Aparecida pela autoridade da Igreja. A devoção vai sendo institucionalizada pela Igreja com recomendações para a construção, para os objetos da nova capela e para o culto. A nova capela foi construída no Morro dos Coqueiros, local onde está a basílica velha em nossos dias.

Em 1752 foi aprovada a confraria de Nossa Senhora Aparecida. “A confraria exerceu um papel fundamental na arregimentação e no envolvimento dos leigos no comando da capela, sobretudo no que se refere à sua manutenção e à execução do ofício divino, seja nas festas ou missas celebradas.” (PAIVA, 2017, p. 103). Entre os leigos havia os que cuidavam piedosamente da capela e os que cuidavam do cofre e aproveitavam das

suas benesses, pois a capela recebia muitas doações. A força da irmandade perdurou até 1830.

A construção da capela no Morro dos Coqueiros permitiu organizar melhor o culto favorecendo a veneração da imagem pelos habitantes locais e pelos romeiros que a visitavam. Muitas casas foram construídas nas proximidades da nova capela, formando-se a Vila de Aparecida, que foi beneficiada, pelas muitas entradas, doações e heranças deixadas na capela para Nossa Senhora.

A capela de Aparecida estava em local estratégico de comunicação contribuindo assim para o acesso do público e o aumento do culto.

A coroa portuguesa em 1803 implantou normas estabelecendo que os bens e as rendas da capela passassem a pertencer à Fazenda Nacional. Após 1808, Dom João VI no Brasil obrigou a entrega do dinheiro da capela ao Estado, levando ao fim da irmandade de leigos.

Em 1880 Aparecida foi elevada à condição de Freguesia e, na República, em 1891, foi criado o Distrito de Paz de Aparecida; em 1906 foi elevada à condição de Vila e sua emancipação política e administrativa ocorreu em 1928. Em 1893 Aparecida fora elevada a Santuário Episcopal, sem ter sido antes elevada à Paróquia, o que não é comum na história das igrejas. No século XIX o apogeu da cultura cafeeira contribuiu para o avanço das romarias e do culto em Aparecida. Passaram por lá personalidades ilustres, como Dom Pedro I e a Princesa Isabel, que deu à imagem uma coroa de ouro em 1884.

Em 1845 começaram as obras da construção da igreja que é hoje a basílica velha. Devido à situação de calamidade da administração imperial do cofre da capela, a construção foi demorada, uns vinte anos. Era a vigência do Padroado, ou seja, a Igreja estava subordinada ao poder estatal do império. A nova igreja no Morro dos Coqueiros foi inaugurada em 24 de junho de 1888, logo após a Princesa Isabel ter assinado a Lei Áurea.

Em 1894 foi fundado um seminário em Aparecida, chamado de Colegião, o que facilitou a elevação da capela à Santuário Episcopal. Com a República e o fim do Padroado os bispos não tinham mais que pedir autorização ao Estado para conduzir as igrejas. Assim a Igreja acertou contrato com os redentoristas alemães da Baviera para trabalharem em Aparecida, e chegaram em outubro de 1894. A Igreja saía do Padroado enfraquecida; por isso, os bispos precisavam de padres vindos de fora para ter formadores em seminários, evangelizadores nos locais de peregrinação, freiras para os asilos e as Santas Casas, para fundar colégios e para as missões de evangelização. A

fundação em 1877 da estrada de ferro passando por Aparecida fez aumentar a vinda deromeiros. As crônicas dos redentoristas dizem que em dias de preceito religioso, em 1900, desembarcavam dos trens até mil pessoas por dia em Aparecida. Até o início do século XX comemoravam-se duas festas em Aparecida, uma no quinto domingo da Páscoa e outra no dia oito de dezembro, dia da festa de Nossa Senhora da Conceição. De 1904 a 1915, Roma concedeu autorização para que a festa fosse celebrada no 1º domingo de maio e foi mantida a festa do dia oito de dezembro. Em 1915 passou a ter o dia 11 de maio como data fixa da festa de Aparecida. Em 1939, depois do Concílio Plenário Brasileiro, o dia da festa passou a ser oito de setembro por ser um dia após a comemoração da independência do Brasil. Em 1953 os bispos do Brasil alteraram para o dia 12 de outubro. Em 1980, o governo militar, durante a visita do Papa João Paulo II ao Brasil estabeleceu feriado nacional o dia 12 de outubro. Um evento marcante na história de Aparecida foi a comemoração dos 50 anos da proclamação papal do dogma da Imaculada Conceição, realizando para tal a coroação da imagem de Nossa Senhora Aparecida, em oito de setembro de 1904, após autorização concedida pela Santa Sé em 1903. A festa da coroação fora impulsionada pelo bispo Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque Cavalcanti, que tinha sido bispo de São Paulo até 1897 e agora era o bispo do Rio de Janeiro. O bispo de São Paulo em 1904 era Dom José Camargo de Barros. Dom Joaquim articulou para que a coroação fosse feita pelo bispo de São Paulo diante do Núncio Apostólico no Brasil, om Júlio Tonti, com a intenção de que em Roma fosse uma positiva repercussão, o que de fato foi, pois no ano seguinte Dom Joaquim foi criado cardeal da Igreja pelo Papa Pio X, o primeiro cardeal do Brasil e da América Latina. Paiva enfatiza que passada “a festa da coroação, é mister lembrar que esse ato projetou a devoção a Nossa Senhora ao Brasil todo”. (PAIVA, 2017, p. 198). Em 1900 fora fundado o jornal *Santuário de Aparecida* e em 1904 foi publicado o *Manual do devoto de Nossa Senhora Aparecida*, impulsionadores da germinação da *Editora Santuário*. Em 1902 os redentoristas deram início à Missão Popular Redentorista, indo até o povo levando a imagem fac-símile de Nossa Senhora Aparecida, o que impulsionou a pastoral do santuário.

Em 1908 a igreja de Aparecida recebeu um título nobiliárquico, o de basílica menor, uma atitude honorífica uma vez que no mundo há somente quatro basílicas maiores que estão em Roma: São João do Latrão, São Pedro no Vaticano, Santa Maria Maior no Esquilino e São Paulo fora dos Muros. É uma concessão de honra dada pela Santa Sé a igrejas consideradas especiais em outros lugares do mundo.

A Vila de Aparecida conseguiu sua emancipação política e tornou-se município em dezembro de 1928. Em 1929 celebrou-se o jubileu de 25 anos da coroação da imagem. Em 1930 a Santa Sé concedeu a aprovação de Nossa Senhora Aparecida

padroeira do Brasil. O Brasil estava sob o Governo Provisório de Getúlio Vargas e houve uma aproximação entre o Governo e a Igreja. A Igreja reuniu um milhão de fiéis na cidade do Rio de Janeiro para a festa da proclamação da padroeira do Brasil em 31 de maio de 1931, e Getúlio recebeu a imagem da santa em suas mãos. A Igreja inaugurou no final daquele ano a estátua do Cristo Redentor. A partir de 1940, diante do aumento de romeiros e da necessidade de acolhê-los da melhor forma, do progresso das vias de transporte com trens, caminhões, ônibus, automóveis, inicia-se um projeto de construção de uma nova igreja. O lançamento da pedra fundamental deu-se em setembro de 1946 no Morro das Pitãs. Contribuíram para o aumento da devoção a criação da *Rádio Aparecida*, em 1951, e a atuação do Padre Vítor Coelho de Almeida que a ela se dedicou até sua morte em 1987. Em 1954, ano do suicídio de Vargas, realizou-se um congresso mariano nacional em São Paulo para comemorar o IV centenário da fundação da cidade, o jubileu de 50 anos da coroação da imagem e o centenário do dogma da Imaculada Conceição. Era a primeira vez que a festa de Nossa Senhora Aparecida seria celebrada no dia 12 de outubro. Em 1962, tendo sido já inaugurada a capital federal em 1960, a imagem de Nossa Senhora foi levada até Brasília para oficializar sua proclamação como padroeira.

Em abril de 1958 o Papa Pio XII criou a Arquidiocese de Aparecida. Em 1967 o Papa Paulo VI enviou a Aparecida uma rosa de ouro abençoada na capela Sistina. Era o ano do jubileu de 250 anos do encontro da imagem.

Em 1971 o presidente militar Médici liberou verba para a construção da passarela que ligava a basílica velha à nova basílica, cuja inauguração se deu em dezembro de 1971.

Em 1978 a imagem sofreu um atentado e foi quebrada em muitos cacos. A restauração foi realizada pelos peritos do Museu de Arte de São Paulo. Em 1980 o Santuário de Aparecida recebeu pela primeira vez a visita de um Papa, João Paulo II, que consagrou o novo templo elevando-o à condição de basílica menor. Celebravam-se em 1979 o jubileu de 75 anos da coroação da imagem e em 1980 o de 50 anos da proclamação como padroeira do Brasil. Em 03 de outubro de 1982 a imagem original foi definitivamente levada para a basílica nova e os rituais litúrgicos reuniram quarenta mil pessoas. De importância cultural foi a fundação da Academia Marial de Aparecida em julho de 1985, promotora de congressos e publicadora de materiais sobre a teologia, a devoção, as romarias. Em 1999 foi iniciada a *Campanha dos Devotos*, uma forma de comunicação entre o santuário e os devotos por meio de cartas mensais do arcebispo e solicitação de contribuição financeira dos devotos ao santuário. Para ampliar o alcance da mensagem do santuário aos brasileiros foi inaugurada em 2005 a *TV Aparecida*. Em 2006 era lançada na Editora Santuário a *Bíblia de Aparecida*. Em 2007 Aparecida recebeu o Papa

Bento XVI e sediou a conferência dos bispos latino-americanos, ocasião da canonização do primeiro santo brasileiro, em São Paulo, o Santo Antônio de Santana Galvão. O documento final da conferência chamou-se *Documento de Aparecida*. Em 2013, por ocasião da Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, Aparecida recebeu a visita do terceiro papa, Francisco, que fez a consagração a Deus por intercessão da Senhora Aparecida e recebeu de presente uma imagem fac-símile feita de madeira. Em 2017 o Santuário comemorou o jubileu de 300 anos do encontro da imagem.

A riqueza de detalhes e a vasta pesquisa bibliográfica e documental desta obra revelam a origem e o desenvolvimento fascinante da história de uma devoção que nasceu popular e da qual a Igreja se tornou portadora, história que perpassa um emaranhado de acontecimentos sociopolíticos, econômicos, culturais e religiosos e que projetou e continua a projetar Aparecida como o maior santuário no cenário eclesial nacional e uma das maiores devoções populares dos brasileiros.